

MANOEL D' ALMEIDA FILHO

# Pistoleiro do Amôr



Manoel d'Almeida Filho

## PISTOLEIRO DO AMÔR

Vamos entrar no cinema  
da mente de um trovador,  
na sala da inspração,  
numa tela multicolor,  
para assistirmos o filme  
«Pistoleiro do Amor».

Sentados, a luz se apaga,  
na tela como uma bola,  
um nôvo jato de luz  
tocando no espaço, rola  
fazendo abrir as cortinas,  
o drama se desenrola . . .

Aparece uma fazenda,  
em manhã primavera,  
o sol vem dourando os montes,  
céu sem nuvens, côr de anil  
uma vivenda bonita  
das mais ricas do Brasil.

Ao redor da casa canta  
mavioso rouxinol,  
alegrando à vaqueirama,  
vendo o clarão do arrebol,  
festejando com gorjeios  
o nascimento do sol.

A fazenda é do major  
justo cordeiro Leão,  
Esse nome representa  
a justiça, a mansidão,  
a valentia, a coragem,  
moral e compreensão.

Esse dito major era  
protetor de criminosos  
porém homens que matassem,  
em momentos perigosos,  
defendendo à própria vida,  
mesmo contra os poderosos.

Não gostava de covarde,  
de ladrão nem pistoleiro,  
desonrador, preguiçoso,  
não chegavam no terreiro,  
não protegia ninguém  
que matasse por dinheiro.

Na sua propriedade  
havia todo o respeito;  
qualquer um que desonrasse,  
em flagrante desrespeito,  
ou fugia ou era morto  
e ninguém lhe dava gelto.

O major era louvado  
pelo seu valor moral,  
na sua fazenda não  
há um só policial,  
lá justo cordeiro era  
juiz do seu tribunal.

Em procura da fazenda  
quando um criminoso vinha,  
perseguido da policia,  
botava tudo que tinha,  
de forças para chegar  
nas fronteiras de Matinha.

Na carreira o criminoso  
quando a cancela avistava,  
dava um grito: estou valido!  
logo uma estaca abraçava,  
bastava aquillo, a policia  
desanimada voltava . . .

Porém qualquer assassino  
na fazenda aparecido,  
o major ia saber  
o que havia acontecido,  
era quando o criminoso  
seria ou não protegido.

Só aquêle que matasse  
defendendo com razão  
à honra, à familia, à vida,  
tinha tôda a proteção,  
caso contrário o major  
ia entregá-lo à prisão.

Certa feita um fazendeiro  
querendo ser "o maior",  
matou um vizinho seu  
pensou levar a melhor,  
para roubar e, depois,  
foi se valer do major . . .

O major investigando,  
soube toda má notícia,  
agarrou o criminoso,  
numa ocasião propícia,  
deu-lhe uma surra e depois  
mandou levá-lo à policia.

Outra vez um certo moço,  
filho de um rico doutor,  
seduziu e pôs na rua  
a filha de um lavrador,  
depois fugiu acoitado  
com medo do promotor.

Foi a casa do major,  
parecendo gente boa,  
contou tudo quanto fez,  
dizendo: a minha pessoa  
nunca pode se casar  
com uma cabrocha à tãa.

O major disse: está bem,  
a sua conversa é bela . . .  
não viu que era uma cabrocha  
por que foi que abusou dela?  
na minha unha você  
casa comigo ou com ela! ..

Vá se casar com a moça,  
veja logo, acerte o passo,  
porque não fazendo assim  
saiba bem o que lhe feço:  
mando fazer um pandeiro  
no meio do seu espinhaço.

O rapaz não quiz conversa  
tal cumprir sua missão.  
O major Justo era assim  
não tinha contemplação  
com pistoleiro, covarde,  
desonrador nem ladrão.

Entretanto tinha feito  
uma promessa de morte,  
da boca de uma pistola  
dependia a sua sorte,  
num duelo onde seria  
o vencedor, o mais forte.

Porque suas quatro filhas,  
residentes em Matinha,  
tres já estavam casadas,  
só uma solteira tinha  
era Maria da Glória  
porém chamada Glorinha.

O major a essa filha  
amava de tal maneira  
que deseja que a moça  
ficasse sempre solteira,  
por ser sua secretária  
confidente e conselheira.

Por isso ele resolveu,  
como que perdendo a bola,  
que noivo par Glorinha,  
inda sendo o mais frajola,  
teria que disputá la  
num duelo de pistola.

Todo mundo achava aquilo  
ser uma grande loucura,  
porém o major dizia:  
—cumprirei a minha jura,  
quando Glorinha casar,  
eu vou para a sepultura.

Em vista disso o major  
todos os dias treinava,  
uma bôca de garrafa  
com cem metros não errava,  
arame a grande distancia  
com uma bala cortava,

Vamos deixar o major  
no seu duro treinamento,  
sabermos na sua terra  
como era o regulamento,  
e como foi que pagou  
o seu brutal juramento,

Nas matas da sua terra  
nenhum morador caçava,  
nos rios e nos açudes  
os peixes ninguém pegava,  
sômente uma vez por ano  
era quando se pescava.

Na quarta feira maior,  
na semana da Palxão,  
era feita a pescaria  
porém com tôda a atenção,  
para cumprir o precelto  
da santa religião.

Sómente os peixes graídos  
nesse dia eram pescados,  
e todos os moradores  
pelo major eram dados,  
nas águas para crescerem  
eram os pequenos jogados.

As caças eram demais,  
jurití, rôla, namhu,  
mocó, cutia, preá,  
veado, paca, tatu,  
capivara, porco-espinho,  
onça, macaco e tejú.

Quanto á caça na fazenda  
tinha em todos os lugares,  
magotes e mais magotes,  
nas estradas, aos milhares,  
os passarinhos voando  
faziam nuvens nos ares,

O major dizia: eu quero  
ver os animais contentes,  
na minha terra garanto  
todos os seres viventes,  
eu protejo os criminosos,  
porque não os inocentes?

Porém o destino fez  
Ele mudar o caminho,  
dominado por Glorinha,  
vencido pelo carinho,  
consentiu que a moça fôsse  
visitar o seu padrinho,



Porém foi em companhia da mãe, dona Soledade muito bem recomendada nos truques da mocidade para ter todo o cuidado com a filha na cidade.

Era a festa do Natal e na casa do padrinho Glória conheceu um moço, por sinal, um bom vizinho, Renato de Souza Lôbo, chamado de Renatinho.

Renatinho era um atleta, gostava de jogar bola, ligeiro que parecia em cada pé ter uma mola, campeão de tiro ao alvo, era doutor na pistola.

Os dois sendo apresentados deu um calafrio nela, e um choque em Renatinho quando apertou a mão dela, sentiu que nesse momento tinha encontrado a «costela».

Com risos e conversinhas, começaram a namorar e dentro de poucas horas conseguiram cimentar um amor dêsses que só a morte pode acabar.

A moça nesse momento  
esqueceu quem era ela,  
loucamente apaixonada,  
amando, sem pensar nela,  
e Renatinho também  
topou a «fachada» dela,

Glorinha foi muito alegre  
com as filhas do padrinho  
para a festa do Natal,  
lá encontrou Renatinho,  
despreocupadamente  
que passeava sozinho.

Os dois frente à frente, foram  
os cumprimentos trocados,  
com ausencia das moças,  
sairam de braços dados,  
passeando pela festa  
como velhos namorados.

Correram nos carrocéis,  
cada um num cavalinho,  
ouviram a missa do galo,  
beberam aluá e vinho,  
Glorinha era uma boneca  
nos braços de Renatinho.

A noticia do namoro  
como uma bomba explodiu,  
a mãe, dona Soledade,  
chamou a filha e pediu  
que lhe dissesse a verdade,  
Glorinha não lhe mentiu.

A mãe disse: minha filha,  
você já perdeu a "bola"?  
pence na jura do velho,  
desgraça a ninguém consola,  
porque se seu pai soubre  
passa o moço na pistola!

Foi quando Glorinha disse:  
—de fato, estava esquecida,  
vou dizer a Renatinho  
que me esqueça ou se decida,  
num duelo de pistola,  
matar ou perder a vida.

Chamou Renato e lhe disse:  
—eu não quero que se zangue,  
entre nós, tudo acabado,  
embora que o povo mangue,  
é melhor que desistamos  
para que não corra sangue.

Meu pai fez uma promessa,  
jura que não me consola,  
quem quiser casar comigo,  
só tendo perdido a "bola",  
terá que me disputar  
ua bôca de uma pistola.

Quem lôr enlrentar o velho  
pode se chamar de defunto,  
morador eternamente  
na "cidade de pé-junto",  
é por isso que devemos  
acabar com êsse assunto.

Eu não quero este combate,  
não quero que você corra,  
não quero que seja morto,  
nem que ninguém lhe socorra,  
por mim, por você, por Deus,  
não quero que meu pai morra.

Renatinho respondeu;  
é do lado que eu me deito,  
pode dizer a seu pai  
que o “negócio” será feito,  
porque pelo seu amor,  
tôda proposta eu aceito.

Pode informar ao major  
que não sou um beija-flor,  
sei defender minha honra,  
meu caráter, meu valor,  
serei, em sua defeza,  
“Pistoleiro do Amor”.

Glorinha quando chegou,  
com o semblante amarelo,  
contou ao pai e pediu  
que não quisesse o duelo  
para que na sua vida  
tivesse um futuro belo.

O velho bem carrancudo,  
disse: desistir, porque?  
nunca serei um covarde,  
seu namorado vai vê,  
tenho pena desse môço  
que vai morrer por você.

Até que no prazo certo,  
seguiram para Matinha  
Renato, com as testemunhas,  
o pai, como lhe convinha,  
o juiz, o escrivão,  
e o padrinho de Glorinha.

Os planos foram traçados,  
com toda diplomacia,  
pelo rigor dos duelos,  
do tempo da fidalguia,  
onde a honra era lavada  
com o sangue que corria.

Um sacerdote também  
tinha sido convidado  
para antes da batalha  
canta um ser confessado  
porque o que batesse a bota,  
estava sacramentado.

Glorinha correu chorando  
pedindo para o padrinho  
intervir contra o duelo  
para salvar Renatinho  
da morte porque seu pai  
não errava um passarinho.

Renatinho respondeu:  
- não tenha medo, querida,  
vou defender nosso amor,  
a morte não me intimida,  
um covarde não merece  
ter os prazeres da vida.

Glorinha disse: um delunto  
não tem prazer nem conforto,  
um barco partido ao meio  
não pode chegar ao porto,  
mais vale um covarde vivo  
do que um valente morto.

Agora foi o major  
que respondeu satisfeito:  
-gostei de ouvi-lo, rapaz,  
seu argumento é perfeito,  
tenho pena de matá-lo,  
porém não tenho outro jeito.

Renatinho retrucou:  
-tem vez que o valente corre,  
numa hora decisiva,  
quando a sorte não socorre  
vez por outra numa luta,  
quem pensa que mata, morre.

Assim, na tarde da vespéra,  
os dois foram confessados,  
para o local da batalha,  
à meia-noite levados,  
somente pelos padrinhos  
e o juiz, acompanhados.

Tudo pronto, as cinco horas  
da manhã aconteceu  
a luta onde cada um  
o seu dever defendeu. .  
no disparar das pistolas,  
vamos saber quem morreu.

Com todo rigor da plaxe  
os dois foram colocados,  
de costas um para o outro,  
depois de recomendados,  
cada um saiu em frente  
para os dez passos contados.

Quando o juiz gritou: já!...  
rapidamente pararam,  
virando-se frente a frente,  
as pistolas dispararam,  
os padrinhos dos dois lados  
com medo os olhos fecharam.

Assim que os dois se viraram  
que o estanpido se ouviu,  
a pistola do major...  
ninguém sabe onde caiu,  
Renato cruzou os braços,  
olhou o velho e sorriu...

O major sofreu um choque,  
até a alma tremeu...  
não sabe como a pistola  
da mão desapareceu...  
ficou procurando em roda,  
sem saber onde perdeu.

Ficou rodeando como  
quem uma bofetão levou.  
dizendo: minha pistola  
bateu asas e voou...  
não sei onde foi cair.  
ou Satanás carregou?

Renato disse: major,  
isso que lhe aconteceu  
foi que na sua pistola  
a minha bala bateu..  
ela disparou nos ares,  
voou desapareceu...

Acertei só na pistola,  
o senhor não foi ferido,  
a sua vida foi salva,  
fique certo, convencido,  
na pistola sou doutor  
com diploma conferido.

O major disse: porém  
o meu tiro não saiu,  
quando puxei o gatilho,  
O braço se sacudiu,  
tomei um choque na mão,  
só se a pistola explodiu.

Não posso compreender  
como foi que se deu isso,  
não feri nem fui ferido,  
a pistola deu enguiço,  
sumiu-se da minha mão  
como que por um feitiço

Renato disse: meu velho,  
no momento que acertei  
na sua velha pistola,  
graças a Jesus, salvei  
a minha vida e a sua  
e mais um premio ganhei.



O senhor ganhou um genro,  
a luta não foi perdida,  
eu ganhei um sogro e mais  
uma noiva tão querida  
que será de agora em diante,  
a glória da minha vida.

O major disse: está certo,  
nada mais tenho a dizer,  
o duelo já foi feito,  
você conseguiu vencer,  
ganhou a mão de Glorinha,  
sem matar e sem morrer.

Glorinha quando avistou  
os dois vivos no terreiro  
da fazenda deu um grito:  
-viva Jesus Verdadeiro  
que salvou meu pai da morte  
e me deu um pistoleiro!

Realizado o enlace,  
com tôda pompa e rigor,  
houve três dias de festa,  
num verdadeiro esplendor,  
Renatinho foi chamado:  
-“Pistoleiro do amor”.

Assim na luta o major  
teveu gongo violento,  
Mesmo não sendo ferido  
Engoliu o sofrimento,  
Isso pelo seu valor  
Deu a filha ao vencedor,  
Acabou seu juramento.

4446  
Procure a Banca de Mano-  
el d' Almeida Filho (Entre  
o Mercado velho e o Mer-  
cado nôvo, calçada do açou-  
gue) Aracaju — Sergipe

---

---